

FRANCISCO GOLDMAN

Diga o nome dela

Tradução

Maria Luiza Newlands

Copyright © 2011 by Francisco Goldman

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

Say Her Name

Capa

Daniel Trench

Foto de capa

Edu Marin Kessedjian

Preparação

Ciça Caropreso

Revisão

Adriana Bairrada

Carmen T. S. Costa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Goldman, Francisco

Diga o nome dela ; Francisco Goldman ; tradução Maria Luiza Newlands. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2014.

ISBN 978-85-359-2437-4

1. Ficção norte-americana I. Título.

14-03018

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

[2014]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

1.

Aura morreu em 25 de julho de 2007. Voltei ao México para o primeiro aniversário de sua morte porque desejava estar onde tinha acontecido, naquela praia na costa do Pacífico. Agora, pela segunda vez em um ano, eu voltaria novamente sem ela para a nossa casa no Brooklyn.

Três meses antes de morrer, em 24 de abril, Aura tinha feito trinta anos. Vinte e seis dias depois, faríamos dois anos de casados.

A mãe e o tio de Aura me responsabilizaram pela morte dela. Não que eu não me considere culpado. Se eu fosse Juanita, sei que também iria querer me colocar na prisão. Mas não pelas razões que ela e seu irmão alegaram.

De agora em diante, se você tiver alguma coisa para me dizer, faça-o por escrito — foi o que Leopoldo, tio de Aura, me disse ao telefone quando me comunicou que estava atuando como advogado da mãe de Aura contra mim. Não nos falamos desde então.

Aura

Aura e eu

Aura e a mãe dela

A mãe dela e eu

Um triângulo de amor e ódio, ou sei lá

Mi amor, isto está mesmo acontecendo?

Où sont les axolotls?

Sempre que Aura se despedia de sua mãe, fosse no aeroporto da Cidade do México ou quando estava saindo do apartamento da mãe à noite, ou mesmo quando se separavam depois de uma refeição em um restaurante, a mãe fazia o sinal da cruz sobre ela e sussurrava uma pequena oração pedindo à Virgem de Guadalupe para proteger sua filha.

Os *axolotls* são uma espécie de salamandra que nunca evolui para além do estado larval, algo como girinos que nunca se transformam em sapos. Costumavam ser abundantes nos lagos ao redor da antiga Cidade do México, e foram um dos alimentos favoritos dos astecas. Até recentemente, dizia-se que ainda havia *axolotls* nos canais de água salobra de Xochimilco; na realidade, eles estão praticamente extintos até mesmo naquele lugar. Sobrevivem em aquários, laboratórios e zoológicos.

Aura adorava o conto de Julio Cortázar sobre um homem que fica tão fascinado pelos *axolotls* no Jardin des Plantes, em Paris, que se transforma em um *axolotl*. Todos os dias, às vezes até três vezes por dia, o homem sem nome dessa história visita o Jardin des Plantes para contemplar os estranhos e pequenos animais em seu aquário apertado, com seus corpos translúcidos leitosos e delicadas caudas de lagarto, suas caras astecas triangulares, planas e rosadas, e os pés minúsculos com dedos quase humanos, os galinhos esquisitos avermelhados que brotam de suas guelras, o brilho dourado de seus olhos, a maneira como quase não se

movimentam, só de vez em quando ao agitarem as guelras ou nadarem abruptamente com uma única ondulação de seus corpos. Parecem tão incomuns que ele se convence de que não são apenas animais, que têm alguma misteriosa relação com ele, estão escravizados dentro de seus corpos em silêncio, mas que de alguma forma, com seus olhos dourados pulsantes, estão lhe implorando que os salve. Um dia, o homem está como de costume olhando para os *axolotls*, o rosto junto do tanque, mas, no meio da mesma frase, o “eu” agora está no interior do tanque olhando para o homem através do vidro, a transição acontece assim sem mais nem menos. A história termina com o *axolotl* esperando ter conseguido comunicar alguma coisa ao homem, ter unido suas solidões silenciosas, e o homem já não visita o aquário porque está em algum lugar escrevendo uma história sobre o que é ser um *axolotl*.

A primeira vez que Aura e eu fomos juntos a Paris, cerca de cinco meses depois de ela ter ido morar comigo, ela quis mais do que tudo ir ao Jardin des Plantes para ver os *axolotls* de Cortázar. Já estivera em Paris, mas só recentemente descobrira a história de Cortázar. Parecia que a única razão de voarmos até Paris havia sido para ver os *axolotls*, embora, na verdade, Aura tivesse uma entrevista na Sorbonne, pois estava pensando numa transferência de Columbia. Na nossa primeira tarde, fomos direto ao Jardin des Plantes e pagamos para entrar no pequeno zoológico do século XIX. Em frente à entrada da casa dos anfíbios, ou viveiro, havia um cartaz emoldurado com informações em francês sobre anfíbios e espécies ameaçadas de extinção, ilustrado com uma imagem de um *axolotl* de perfil, suas guelras vermelhas, a cara feliz de extraterrestre e braços e mãos de macaco albino. No interior, os tanques enfileirados em torno da sala, pequenos retângulos iluminados encaixados na parede, cada um enquadrando um habitat úmido diferente: musgo, samambaias, pedras, galhos

de árvores, poços de água. Fomos de um tanque a outro, lendo os cartazes: várias espécies de salamandras, tritões, rãs, mas não *axolotls*. Circulamos novamente pela sala, caso nos tivessem de alguma forma escapado. Por fim Aura foi até o guarda, um homem de meia-idade, de uniforme, e perguntou onde estavam os *axolotls*. Ele não sabia nada sobre *axolotls*, mas algo na expressão de Aura pareceu fazê-lo se deter para refletir; então lhe pediu que esperasse, deixou a sala e, um momento depois, voltou com uma mulher um pouco mais jovem do que ele usando um jaleco azul. Ela e Aura conversaram em voz baixa em francês, portanto não consegui entender o que diziam, mas a expressão da mulher era vivaz e amável. Quando saímos, Aura ficou parada um momento num silêncio atordoado. Então me disse que a mulher se lembrava dos *axolotls*; chegou a dizer que sentia falta deles. Mas que eles tinham sido levados dali alguns anos antes e agora estavam em algum laboratório da universidade. Aura estava vestida com seu casaco de lã cinza-escuro, um cachecol de lã esbranquiçada enrolado no pescoço, mechas do cabelo preto e liso espalhadas em confusão em torno de suas faces redondas e macias, rubras como se queimadas pelo frio, mas não fazia tanto frio assim. Lágrimas, só algumas, não uma inundação, lágrimas quentes e salgadas transbordaram dos olhos marejados de Aura e deslizaram pelo rosto.

Quem chora por uma coisa assim?, lembro-me de ter pensado. Beije as lágrimas, respirando o calor salgado de Aura. Seja o que for que tanto afetou Aura pelo fato de os *axolotls* não estarem mais lá, parecia ser parte do mesmo mistério, no final do conto de Cortázar, que o *axolotl* espera que o homem vá revelar ao escrever uma história. Sempre desejei saber como era ser Aura.

Où sont les axolotls? — ela escreveu em seu caderno. Onde estão eles?

Aura foi morar comigo no Brooklyn cerca de seis semanas depois de ter chegado a Nova York, vinda da Cidade do México com suas muitas bolsas de estudos, incluindo uma Fulbright e uma do governo mexicano, a fim de começar a estudar para um doutorado em literatura de língua espanhola na Universidade de Columbia. Vivemos juntos quase quatro anos. Em Columbia, ela dividia seu alojamento universitário com outra estudante estrangeira, uma garota coreana, botânica altamente especializada. Estive no apartamento delas apenas duas ou três vezes antes de fazer a mudança das coisas de Aura para a minha casa. O apartamento parecia uma linha ferroviária, com um corredor comprido e estreito, dois quartos, uma sala na frente. Era um apartamento de estudante, cheio de coisas de estudantes: a estante Ikea, um conjunto de panelas e utensílios antiaderentes cor de carvão, um pufe vermelho tipo saco, um aparelho de som, uma caixinha de ferramentas também da Ikea ainda fechada em sua embalagem de plástico transparente. A cama no chão, cheia de roupas amontoadas. Aquele apartamento me fez sentir uma nostalgia dana-

da — dos tempos de faculdade, da juventude. Morri de vontade de fazer amor com ela ali, na mesma hora, na bagunça suntuosa daquela cama, mas ela ficou nervosa com a possibilidade de sua colega de quarto chegar de repente, e não fizemos isso.

Eu a tirei desse apartamento, deixando sozinha sua colega de quarto, com quem Aura se dava bem. Mas, um mês e tanto depois, quando teve certeza de que ficaria comigo, Aura encontrou outra estudante para ocupar sua vaga, uma garota russa que deveria agradar à coreana.

Lá, na Amsterdam Avenue com a 119th Street, Aura morava ao lado do campus. No Brooklyn, tinha de andar de metrô pelo menos por uma hora para chegar a Columbia, geralmente durante a hora do rush, e ela precisava ir quase todos os dias à universidade. Podia tomar o trem F, fazer uma baldeação na 14th Street e atravessar um labirinto de escadas e túneis compridos, escuros e gelados no inverno, para pegar os trens expressos 2 e 3, depois embarcar no trem local na 96th Street. Ou podia andar vinte e cinco minutos do nosso apartamento até Borough Hall e pegar o 2 ou 3 lá. Acabou preferindo a segunda opção, e era o que fazia quase todos os dias. No inverno, a caminhada podia ser dura por causa do frio, especialmente com os casacos de lã fina que ela usava, até que por fim a convenci que me deixasse comprar para ela um desses casacos North Face acolchoados e com capuz, no qual ela ficava embrulhada, de náilon azul e de plumas de ganso do alto da cabeça até abaixo dos joelhos. Não, *mi amor*, ele não está fazendo você parecer gorda, não você em especial; todo mundo parece um saco de dormir ambulante vestindo isso, mas e daí? Não é melhor estar confortável e agasalhada? Quando ela usava o casaco com o capuz, a gola fechada sob o queixo e com aqueles seus olhos negros brilhantes, parecia uma menininha iroquesa dentro de sua “faixa canguru”. Aura quase nunca saía no frio sem ele.

Outra complicação do longo percurso diário de ida e volta era que ela costumava se perder. Distraía-se e passava do ponto ou pegava o trem na direção errada e, absorta em seu livro, seus pensamentos, seu iPod, só se dava conta quando já estava mergulhada no meio do Brooklyn. Então me ligava de um telefone público em alguma estação de metrô de que eu nunca tinha ouvido falar, *Hola, mi amor*, bem, cá estou eu na estação Beverly Road, vim para o lado errado de novo — decidida a manter a voz num tom trivial, nada de mais, apenas mais uma nova-iorquina sobrecarregada lidando com um dilema rotineiro na vida da cidade, mas mesmo assim deixando transparecer um certo ar de derrota. Não gostava que caçassem de sua mania de pegar a direção errada do metrô ou de se perder mesmo quando estava perto de casa, mas às vezes eu não conseguia me conter.

Desde o primeiro dia de Aura em nosso apartamento no Brooklyn até quase o último, acompanhei-a até a estação de metrô todas as manhãs — exceto quando ela ia de bicicleta a Borough Hall e a deixava trancada lá, embora essa rotina não tenha durado muito tempo, porque os bêbados e viciados sem-teto do centro do Brooklyn sempre roubavam o selim, ou então quando chovia, ou quando ela estava tão atrasada que tomava um táxi para Borough Hall, ou nas raras ocasiões em que saía voando porta afora como um pequeno furacão enlouquecido porque já era tarde e eu continuava preso no banheiro gritando para ela esperar, e nas duas ou três vezes em que ficou tão chateada comigo por uma ou outra coisa que não quis de jeito nenhum que eu a acompanhasse.

Em geral, porém, eu ia com ela até a parada do trem F em Bergen ou a acompanhava até Borough Hall, embora às vezes combinássemos que, quando ela ia para Borough Hall, eu iria apenas até a deli do francês na Verandah Place — eu precisava trabalhar e não podia perder quase uma hora indo e vindo da

estação todos os dias — embora ela tentasse me convencer a ir até mais longe, até a Atlantic Avenue, ou afinal até Borough Hall, ou mesmo até Columbia. Então eu passava o dia na Biblioteca Butler — alguns semestres antes eu dera um workshop sobre escrita em Columbia e ainda tinha meu cartão de identificação — lendo, escrevendo ou tentando escrever em um caderno, ou me sentava diante de um dos computadores da biblioteca vendo meus e-mails ou matando o tempo com os jornais on-line, começando sempre pela seção de esportes do *Boston Globe* (eu cresci em Boston). Costumávamos almoçar no Ollie, depois ir gastar dinheiro em DVDs e CDs no Kim ou folhear livros na Labirinto Books, saindo carregados de pesadas sacolas de livros que nenhum de nós dois tinha tempo sobrando para ler. Nos dias em que ela não me convencia a acompanhá-la a Columbia de manhã, às vezes me telefonava e pedia que eu fosse lá apenas para almoçar com ela, e na maioria das vezes eu ia. Aura dizia, Francisco, não me casei para almoçar sozinha. Não me casei para ficar sozinha.

Durante essas caminhadas matinais para o metrô, Aura era sempre quem mais falava, ou a única que falava, sobre suas aulas, professores, outros alunos, alguma nova ideia para um conto ou romance ou sobre a mãe dela. Mesmo quando estava sendo especialmente *neurás* contando de suas ansiedades habituais, eu tentava arranjar novos incentivos, ou então reformulava ou repetia os anteriores. Mas o que eu mais adorava era quando ela cismava de parar a cada poucos passos para beijar e morder meus lábios como se fosse um bebê tigre, e da mímica da risada silenciosa depois do meu ai, e da maneira como se queixava, *¿Ya no me quieres, verdad?* se eu não segurava sua mão ou não estava com o braço em torno dela no instante em que ela queria. Eu adorava o nosso ritual, exceto quando realmente não adorava nada, quando me preocupava, Como é que vou conseguir escrever outro mal-

dito livro com esta mulher que me faz levá-la ao metrô de manhã e me convence a ir a Columbia almoçar com ela?

Ainda imagino muitas vezes Aura ao meu lado na calçada. De vez em quando, imagino que estou segurando sua mão e ando com o braço um pouco esticado para o lado. Ninguém se surpreende mais ao ver pessoas falando sozinhas na rua, supõem que estejam falando em algum aparelho com bluetooth. Mas as pessoas reparam naquelas com olhos vermelhos e molhados, cujos lábios estão contorcidos no esgar de um soluço. Eu me pergunto o que acham que estão vendo e o que imaginam ter causado o choro. Na superfície, uma janela se abriu breve, alarmantemente.

Um dia, naquele primeiro outono depois da morte de Aura, eu estava no Brooklyn, na esquina da Smith com a Union, e notei uma idosa parada na esquina oposta, esperando para atravessar a rua, uma senhora do bairro, de aparência comum, cabelo cinzento arrumado, um pouco curvada, com uma expressão doce no rosto engelhado e pálido, olhando como se estivesse apreciando a luz do sol e o clima de outubro enquanto esperava pacientemente o sinal de trânsito abrir. O pensamento me veio como uma bomba silenciosa, Aura nunca vai descobrir o que é ser velha, nunca vai olhar para trás para contemplar sua longa vida. Foi o que bastou, pensar na injustiça daquilo e na senhora encantadora e talentosa que Aura certamente estaria destinada a se tornar.

Destinada. Estaria eu destinado a entrar na vida de Aura quando o fiz, ou me intrometi onde não devia e a desviei de seu caminho já traçado? Será que Aura teria se casado com outra pessoa, talvez algum aluno de Columbia, aquele estudante que se sentava alguns lugares adiante dela na Biblioteca Butler, ou o da Pastelaria Húngara, que não conseguia parar de espia-la com ar tímido? Como é possível que qualquer outra coisa diferente

do que aconteceu possa ser definida com exatidão como destino? E o que dizer da sua livre e espontânea vontade, da responsabilidade dela por suas escolhas? Quando o sinal abriu e eu atravessei a Smith Street, será que aquela senhora idosa reparou no meu rosto quando passou? Não sei. Meu olhar turvo estava fixo na calçada e eu queria voltar para o nosso apartamento. Aura estava mais presente lá do que em qualquer outro lugar.

O apartamento, que na ocasião eu alugava havia oito anos, era o andar do salão de uma *brownstone* de quatro andares. Na época em que os Rizzitano, a família italiana à qual o prédio ainda pertencia, moravam lá, ocupando todos os quatro andares, o salão devia ter sido a sala de estar deles. Mas era o nosso quarto. Tinha um teto tão alto que, para trocar uma lâmpada no lustre, eu precisava subir em uma escada de um metro e meio e ficar na ponta dos pés em cima de seu topo oscilante, me esticando o mais que pudesse, embora acabasse me curvando, agitando os braços na tentativa de me equilibrar. Aura, me observando de sua mesa no canto, disse certa vez, Você parece um pássaro amador. Uma sanca de gesso contornava o alto das paredes, caiada de branco como elas, uma fileira neoclássica de rosetas repetidas sobrepondo-se a outra mais larga de folhagens enroladas. Duas janelas compridas, com peitoris largos e cortinas, davam para a rua, e entre as janelas, indo do chão ao teto como uma chaminé, a característica mais extravagante do apartamento: um espelho imenso numa moldura barroca de madeira pintada de dourado. Agora o vestido de casamento de Aura cobria parcialmente o espelho, pendurado num cabide e num barbante que eu tinha amarrado nos arabescos dourados de cada lado da extremidade superior. E na prateleira de mármore ao pé do espelho, havia um altar com alguns pertences de Aura.

Quando voltei do México daquela primeira vez, seis semanas depois da morte de Aura, Valentina, que estudava com Aura em Columbia, e Adele Ramírez, amiga de ambas que viera do México e estava hospedada na casa de Valentina, foram me buscar no aeroporto de Newark na camionete BMW do marido de Valentina, um banqueiro do setor de investimentos. Eu trazia cinco malas: duas minhas e três cheias de coisas de Aura, e não apenas suas roupas — eu me recusara a jogar fora ou dar quase tudo dela —, mas também alguns livros e fotos, e todos os seus diários, cadernos e papéis avulsos. Tenho certeza de que se, naquele dia, meus amigos homens tivessem ido ao aeroporto em vez delas, tudo teria sido muito diferente. Ao entrar em nosso apartamento, provavelmente lançáramos um olhar incrédulo ao redor e diríamos, Vamos para um bar. Entretanto, antes que eu acabasse de trazer as malas para dentro, Valentina e Adele já estavam trabalhando na construção do altar. Corriam pelo apartamento como se soubessem melhor do que eu onde tudo estava, escolhendo e carregando tesouros, de vez em quando pedindo minha opinião ou sugestão. Adele, uma artista visual, agachada sobre a plataforma de mármore ao pé do espelho, arrumando: o chapéu de brim com uma flor de pano costurada que Aura havia comprado em nossa viagem a Hong Kong; a sacola de lona verde que ela levava para a praia naquele último dia, com tudo dentro exatamente como ela tinha deixado, a carteira, os óculos escuros e os dois livros finos que estava lendo (Bruno Schulz e Silvina Ocampo); sua escova de cabelo, longos fios de cabelo preto emaranhados nas cerdas, o tubo de papelão com o jogo chinês de pega-varetas que ela comprou no shopping perto do nosso apartamento na Cidade do México e que levava para o TGI Friday's de lá, onde nos sentávamos bebendo tequila e jogando pega-varetas duas semanas antes de ela morrer; um exemplar do *Boston Review*, onde foi publicado seu último ensaio em inglês no início

daquele verão; seu sapato favorito (e único) Marc Jacobs; seu pequeno frasco turquesa de bebida; outras bugigangas, lembrancinhas, adereços; fotografias; velas; e, vazias no chão ao pé do altar, sua reluzente bota de borracha para chuva de listras preto e branco e solas pink. Valentina, de pé diante do espelho imponente, declarou, Já sei! Onde está o vestido de noiva de Aura? Fui buscar o vestido no armário e trouxe também a escada.

Era exatamente o tipo de coisa de que Aura e eu zombávamos: um altar mexicano folclórico no apartamento de uma estudante de graduação como expressão de uma identidade política piegas. Mas pareceu a coisa certa a fazer no momento, e no primeiro ano de morte de Aura, e depois ainda, o vestido de noiva permaneceu ali. Eu sempre comprava flores para colocar no vaso no chão, acendia velas e comprava velas novas para substituir as que acabavam.

O vestido de noiva de Aura foi confeccionado por uma estilista mexicana dona de uma boutique na Smith Street. Tínhamos feito amizade com a proprietária, Zoila, que era de Mexicali. Em sua loja, falávamos sobre o quiosque de tacos autênticos que abríamos um dia para ganhar dinheiro com os jovens bêbados e famintos que à noite saíam aos montes dos bares da Smith Street, nós três fingindo que falávamos realmente sério sobre ingressar nesse negócio promissor. Depois Aura descobriu que os vestidos de noiva sob medida de Zoila eram recomendados pelo site Daily Candy como alternativa econômica aos de Vera Wang. Aura foi três ou quatro vezes ao ateliê de Zoila, em um loft no centro do Brooklyn para provar o vestido, e cada vez que voltava para casa chegava mais ansiosa que na prova anterior. De início, quando foi buscar o vestido pronto, ficou decepcionada, achando-o mais simples do que imaginava que ficaria, e não muito diferente de alguns vestidos comuns vendidos por Zoila em sua loja por um quarto do preço. Era uma versão quase minimalista do vesti-

do de uma jovem do interior do México, feito de algodão branco e fino, com enfeites simples de bordados em seda e rendas e babados que o ampliavam na barra.

Mas no fim Aura chegou à conclusão de que gostava do vestido. Talvez ele só precisasse estar em seu habitat legítimo, o cenário semidesértico da cidade de Atotonilco, um santuário católico, em meio a uma igreja antiga de missão, a cactos, arbustos e ao oásis verde que era a *hacienda* restaurada que tínhamos alugado para o casamento, sob o azul vívido e depois amarelo-acinzentado da imensidão do céu mexicano, com turbulentos rebanhos de nuvens indo e vindo por ele. Talvez fosse essa a genialidade da criação de Zoila para o vestido de Aura. Uma espécie de vestido liofilizado, aparentemente simples como papel de seda, que num passe de mágica ganhou vida no ar rarefeito e carregado das planícies altas do México central. Um vestido perfeito para um casamento em agosto no interior mexicano, o sonho juvenil de um vestido de noiva, afinal. Agora ele estava um pouco amarelado, as alças escurecidas pelo sal do suor, e uma das faixas de renda que circundavam a porção inferior do vestido, acima de onde começava a se ampliar, fora em parte arrancada do tecido, um rasgão igual a um buraco de bala, e a barra estava desbotada e rasgada por ter sido arrastada na lama, girada e pisada durante a longa noite da nossa festa de casamento, que foi até o alvorecer, quando Aura tirou o sapato que usara na cerimônia e calçou o sapato de dança que havíamos comprado numa loja de noivas na Cidade do México, uma mistura de calçado branco de enfermeira com tênis de plataforma de discoteca dos anos 70. Uma relíquia delicada, esse vestido de casamento. À noite, com a ilusão de profundidade do espelho e o brilho refletido de velas e lâmpadas, a moldura barroca ao redor como se fosse uma coroa de ouro, o vestido parece que está flutuando.